



Cidade Maravilhosa e Cidade Partida: notas sobre a manipulação de uma cidade deteriorada¹

Wonderful City and Divided City: Notes on the Management of Spoiled City

Aline Gama de Almeida²
Alberto Lopes Najar³

Resumo

O artigo analisa algumas das representações sociais da cidade do Rio de Janeiro: “Cidade Maravilhosa”, “Cidade Partida” e do termo “favela”. Para isso, dividimos a discussão em dois: a primeira parte apresenta uma perspectiva histórica e literária de cada um dos termos e a segunda se apropria de algumas questões apresentadas por Erving Goffman em seu livro “Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada” para refletir sobre o uso dessas representações da cidade.

Palavras chave: Rio de Janeiro; Favela; Representação Social; Estigma.

Abstract

The article analyses some of the social representations of the city of Rio de Janeiro: "Wonderful City", "Divided City" and the term "favela." Taking it into consideration, we divide the discussion in two parts: the first presents a literature and historical outlook of each term and the

¹ O título é inspirado no livro “Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada”, de Erving Goffman, no qual o ensaio se baseia e parte do texto constitui a pesquisa de mestrado realizada graças à bolsa de mestrado concedida pelo CNPq.

² Doutoranda em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia Visual do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS / UERJ), onde desenvolve pesquisa sobre fotojornalismo e famílias em situações de violência no Rio de Janeiro financiada pelo CNPq. Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1480, sala 917, Manguinhos. CEP 21041-210 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: agamarj@gmail.com.

³ Pesquisador titular do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), onde atua na área de Sociologia Urbana, com ênfase na temática da divisão social das grandes metrópoles e dos problemas relativos à coalizão civilizatória brasileira, orientando dissertações e teses, bem como ministrando cursos e coordenando seminários de leituras e grupos de discussão sobre seus temas de interesse intelectual e de pesquisa. Líder do Grupo de Pesquisa "Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Saúde Coletiva". ENSP-Fiocruz. Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1480, sala 917, Manguinhos. CEP 21041-210 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: najar@ensp.fiocruz.br.

second makes use of some issues addressed by Erving Goffman in his book "Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity" to reflect about the use of these representations of the city.

Keywords: Rio de Janeiro; Favela; Social Representation; Stigma.

A “*Cidade Maravilhosa*”

Desde os primeiros relatos de viajantes e colonizadores europeus, podem-se observar inúmeras descrições da cidade do Rio de Janeiro relacionadas às belezas naturais e questões humanas. Com o surgimento da favela no fim do século XIX e início do XX e a permanência desta como forma de ocupação do espaço urbano até os dias de hoje, a cidade ganhou características que se relacionam a esse tipo de moradia.

A construção do imaginário, ora atrelado à conformação humana, social e cultural, ora à benemerência local dada pela paisagem e pela natureza, fez com que os epítetos da cidade do Rio de Janeiro remetessem a essas características. A “Cidade Maravilhosa” e a “Cidade Partida” são apelidos cunhados ao longo do século XX quando a cidade passa pelo processo de modernização e inserção do modo de produção capitalista, que se mantêm através de mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

A origem da expressão “Cidade Maravilhosa” tem dupla autoria, mas supomos que o surgimento deveu-se às representações sociais e históricas reforçadas por aqueles que habitavam e visitavam a cidade do Rio de Janeiro. A idéia de um Éden Tropical, que escritores do início do século XX usaram para descrever a cidade, é herança da percepção da colonização a respeito das belezas naturais (praias, lagoas, montanhas, temperatura amena e florestas).

Entre 1903 e 1906, a cidade foi reconstruída em uma grande primeira reforma urbana, assinada pelo prefeito Pereira Passos. A Reforma abre os tempos eufóricos de uma *Belle Époque* à moda brasileira, modernizando e inserindo a cidade no comércio internacional. O termo “Cidade Maravilhosa” foi usado primeiramente pela poetisa francesa Jeanne Catulle-Mendès (CARVALHO, 1989; GOMES, 1994 e LEITE, 1998), que visitou a cidade em novembro de 1911.

O livro “*La Ville Merveilleuse*” (MENDÈS, 1913) reúne uma série de poemas que narram a estadia da poetisa, obedecendo a uma ordem cronológica desde a sua chegada “*Arrive dans La Baie de Guanabara*”, passando por “*Salut*”, depois menciona os passeios a beiramar, a beleza das árvores, flores e orquídeas; a noite, “*La Bibliotheque*”, até a sua despedida da cidade com o poema “*Adieu*”. Todos exaltam a

cidade esplendorosa, a beleza das paisagens da natureza, a luz do céu azul claro, o ar fresco e os momentos de contemplação vividos por Jeanne Catulle Mendès em sua visita ao Rio de Janeiro.

Outras fontes afirmam que o sinônimo de Rio de Janeiro, que virou título de marcha de carnaval e hino oficial da cidade, foi criado pelo escritor maranhense, Coelho Neto, quando publicou seu “artigo 'Os sertanejos', na página 03, do jornal 'A Notícia', edição de 29.11.1908” (CAMPOS, 1965, p. 76 e Milton Teixeira⁴). Coelho Neto também publicou um livro chamado “Cidade Maravilhosa”, que teve sua primeira tiragem em 1928 (NETO, 1933). O livro reúne uma série de crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro. A crônica que o intitula conta a história de uma professora interiorana que é convidada por um desconhecido para conhecer o Rio e lá morar com ele. Na “Cidade Maravilhosa! Cidade sonho, cidade do amor” (NETO, 1933, p.17) eles seriam felizes. O desconhecido enaltece a cidade que é vista de longe, do local onde a professora morava e ele foi para pintar.

A expressão também dá nome ao programa de rádio “Crônicas da Cidade Maravilhosa” de Cesar Ladeira, veiculado na Rádio Mayrink Veiga⁵. No carnaval de 1935, a irmã de Carmem Miranda, Aurora Miranda, e André Filho gravam a música “Cidade Maravilhosa”. André Filho compõe a música em 1934 e a inscreve para o concurso de marchinhas de carnaval de 1935. A música, cantada por Aurora Miranda, fica em segundo lugar. A marcha vitoriosa foi “Coração Ingrato”, de Nássara e Frazão, na voz de Silvio Caldas (COSTA, 2001).

Entretanto, é a música “Cidade Maravilhosa” que se torna a canção dos cariocas, tocada em momentos de alegria e entusiasmo. A expressão passa a ser cantarolada como parte da letra da música de André Sá Filho, que exalta os “encantos mil” da cidade, como o “berço do samba e das lindas canções” e o “jardim florido de amor e saudade”. O marco de sua melodia é a primeira estrofe: “Cidade maravilhosa/ Cheia de encantos mil/ Cidade maravilhosa/ Coração do meu Brasil”.

⁴ Em pesquisa sobre a autoria de “Cidade Maravilhosa” o historiador e pesquisador Milton Teixeira afirma: “Sempre pensei que fosse da crônica do Coelho Neto. Aliás, tive há alguns anos a oportunidade de conversar com a neta do Coelho Neto, Carmem Coelho, que me colocou isso. Atenciosamente, Milton M. Teixeira”. Nos arquivos da Biblioteca Nacional, não consta o artigo mencionado por Campos (1965) e Milton Teixeira. O arquivo microfilmado do jornal “A Notícia”, de 29.11.1908, não possui a página 3 e nenhum artigo de Coelho Neto.

⁵ O arquivo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro não possui os programas da Rádio Mayrink Veiga, que foram destruídos.

O vereador Salles Neto aprovou no dia 25 de maio de 1960 na Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro “a Lei no. 5 que determina ‘ficar adotada como marcha oficial desta cidade do Rio de Janeiro, respeitando os respectivos direitos autorais, ex vi da legislação anterior, a marcha “Cidade Maravilhosa”, de autoria do compositor André Filho” (COSTA, 2001, p.143). No mesmo ano, o Rio de Janeiro deixa de ser a capital federal, função exercida desde 1763, que é transferida para Brasília.

A “Cidade Partida”

Paralelo a isso, a manutenção da favela como modo de habitar o espaço da cidade no século XX se relaciona a uma construção social relativa à pobreza, à malandragem e às classes perigosas (VALLADARES, 1991). Tal construção permite a percepção de uma divisão social que parte a cidade do Rio de Janeiro em duas, o que décadas depois vai se transformar no epíteto “Cidade Partida”. A visão da cidade favela e da cidade não-favela representa e reapresenta maneiras de perceber uma ordem territorial, social e econômica.

A concepção de uma “Cidade Partida” aparece no início do século XX. As crônicas de 1900 a 1910 já apresentam a favela como uma cidade à parte.

Vinha-me, então, ao espírito, a crônica terrível do morro sinistro, o morro do crime. Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da Polícia. Na Favela, ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil. Na Favela, a lei é a do mais forte e a do mais valente. A navalha liquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas. (COSTALLAT, 1931, p.33-39).

Em muitos autores do início do século XX, como Olavo Bilac, Lima Barreto, o jornalista Benjamin Costallat e o sambista Orestes Barbosa, que escreveram crônicas entre 1908 e 1923, o conceito de dualidade se apresenta no discurso sobre a favela carioca em contraste com a cidade do Rio de Janeiro. “As origens desse pensamento, na verdade, devem ser buscadas no século passado” (ZALUAR, 1998, p.12).

O epíteto aparece de vez na década de 1990, quando a mídia se apropria da “Cidade Partida” para expressar supostas diferenças espaciais, sociais e econômicas do Rio de Janeiro. O morador da favela, especialmente aquele que mora em locais com

mais ocorrências de criminalidade, é visto pela mídia, como bandido. O aumento da violência marca a vida da cidade favela e não-favela.

A construção da imagem do Rio de Janeiro como a “Cidade Partida” aparece também em trabalhos de Sociologia, Antropologia, Urbanismo, etc. Alguns deles, ao discutirem as questões urbanas, referem-se à expressão “Cidade Partida”, afirmando como LEITE (1998), RIBEIRO (2000, 2001) e ZALUAR (1998, 2004) ou criticando, como NAJAR (2002, 2003), PRETECEILLE (1999), VALLADARES (2005) e VELHO (2000), a percepção da divisão sócioespacial da cidade. Apesar disso, a expressão não se transformou em conceito de nenhuma das disciplinas e não foi definida por nenhum desses autores.

O termo “Cidade Partida” também se torna título do livro–reportagem do jornalista Zuenir Ventura. O livro relata a estadia de dez meses do jornalista em Vigário Geral, que acabara de passar pela chacina de 21 pessoas e foi amplamente noticiada. Os moradores do asfalto, artistas plásticos, antropólogos, sociólogos e ele, jornalista, adentram a favela e ao lado de moradores que não são nem bandidos, nem criminosos, nem traficantes, criam o movimento “Viva Rio”. A necessidade de justiça e de recuperação da autoestima perdida na chacina une pessoas, apesar de morarem em locais diferentes e de, segundo o jornalista, serem de partes diferentes da cidade (VENTURA, 1994).

Na leitura, percebe-se que o diálogo entre os moradores de cada uma das partes contradiz o título dado ao livro. A sugestão de que a “Cidade Partida”, de Zuenir Ventura, descreve uma situação de guerrilha urbana, que divide os moradores da favela e do asfalto, os pobres e os ricos, os bandidos contra a sociedade, vem de uma leitura rápida e descuidada, pois é evidente no próprio livro que a interação existe. Ao intitular o livro, chama-se atenção para uma questão fundamental da representação social construída sobre o Rio de Janeiro.

A “Cidade Partida” sintetiza a ideia de uma divisão sócioespacial da cidade entre favela e não-favela, como se não houvesse mediações. As áreas de não-favela, mais conhecidas como bairros, são habitadas por pessoas de bem, com maior nível de renda, mais Educação e melhores hábitos. Nas favelas, também conhecidas como morro e comunidade, moram pessoas maleducadas e pobres que aliadas a malandros e bandidos conquistam meios de viver. Tal divisão é uma construção que norteia o imaginário e as representações sociais da cidade do Rio de Janeiro do século XX.

Favela: entre Maravilhosa e Partida

Historicamente, a ocupação de morro por habitações populares não foi desde sempre chamada de favela. Estudos sobre a cidade mostram que as primeiras construções em morros no Rio de Janeiro datam do ano de 1881. Imigrantes portugueses, espanhóis e italianos povoaram a Quinta do Caju, a Serra Morena e a Mangueira, que ficava na encosta do Túnel Velho do lado de Botafogo (ABREU, 1994).

As transformações ocorridas na cidade na segunda metade do século XIX devem-se ao declínio da atividade cafeeira, fim do sistema escravista, surto de industrialização e à vinda de imigrantes estrangeiros. Tais mudanças tiveram como algumas de suas consequências o aumento populacional e a questão da habitação. Na comparação entre os censos de 1872 e 1890, observa-se um aumento de 90% da população residente que passa de 274.972 para 522.651 (ABREU, 1987).

O nome “favela” surge nessa época e teve sua origem no Morro da Favella, onde soldados da Guerra de Canudos se instalaram com suas famílias, em 1897, com a permissão do Ministério da Guerra. Os soldados vieram para o Rio de Janeiro, então capital federal, em busca de seus honorários (ABREU, 1987 e VALLADARES, 2005 e 2000). São duas as explicações para essa denominação do Morro da Providência. A primeira é a existência neste morro da mesma vegetação que cobria o morro da Favella no Município de Monte Santo, na Bahia. A segunda relaciona o papel de resistência representado na Guerra de Canudos pelo morro da Favella de Monte Santo, que retardou o avanço final do exército da República sobre o Arraial.

Abreu (1998) e Valladares (2005) atribuem a importância da Guerra de Canudos ao livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha (2000). Grande parte dos intelectuais brasileiros do início do século XX leu a obra, que foi considerada por muito tempo o livro “número um” do Brasil, com mais de 30 edições em português que se sucederam desde a primeira, em 1902, pela Editora Laemmert.

“Os Sertões” foi responsável pela Guerra de Canudos não ter caído no esquecimento na história da Primeira República, como também pela primeira construção da representação de um tipo de habitação que começa a ser conhecida e chamada por favela. Além de diversas vezes descrever os trâmites da guerra ao redor da Favela de Monte Santo, ocupada pelo acampamento de soldados, Euclides da Cunha como narrador primoroso atribui valores ao lugar: “era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito. A sua topografia

interessante modelava-o ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus...” (CUNHA, 2000, p.92).

A imagem da favela apresentada em “Os Sertões” começa a ser atribuída à ocupação em morros e ganha adesão por cronistas, músicos e jornalistas do início do século XX. Aos poucos os termos “morro” e “comunidade” são associados à favela, como nomes que também definem o tipo de ocupação do espaço pela habitação popular.

No entanto, as imagens fotográficas de Augusto Malta⁶, fotógrafo do prefeito Pereira Passos, mostram que a favela do início do século XX não contrastava em nada com o restante da paisagem. A cidade ainda é a São Sebastião do Rio de Janeiro, herdada dos tempos coloniais. As ruas são estreitas, barrentas e entulhadas de carroças. A circulação de mercadorias e pessoas ainda é desordenada. As edificações são escassas e inadequadas às novas necessidades de moradia da população em crescimento. A proliferação de doenças relacionava-se diretamente às catastróficas condições de higiene, às quais grande parte da população estava submetida. O papel dos médicos junto ao poder público foi determinante para que mudanças fossem feitas. Influenciados pelas teorias médicas francesas, os médicos estabeleceram medidas de cuidados com a cidade, que implicaram em desinfecção de locais públicos, drenagem dos pântanos e intervenção sobre as habitações consideradas anti-higiênicas.

Os cortiços do Rio de Janeiro, mais do que as favelas, eram o motivo de preocupação na época e podem ser considerados o “germe” da favela. Valladares (2005) e Abreu (1998) estabelecem uma relação entre as demolições dos cortiços do Centro e a ocupação ilegal dos morros no início do século XX.

Outra fonte literária importante é a obra “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo (2000), publicado em 1890, com descrições do modo de habitar e da autoconstrução de moradias populares no Rio de Janeiro.

Tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal”– adquiridos em pequenos furtos de obras – “Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores (AZEVEDO, 2000, p.3).

Assim descreveu Aluísio de Azevedo outro modo de viver e habitar o Rio de Janeiro pelos trabalhadores de baixa renda. O número grande de moradores e o aspecto

⁶ Parte do acervo de Augusto Malta está no site: <http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>. Outra parte está em processo de digitalização fotográfica do Museu da Imagem e do Som.

do cortiço, apesar de não respeitarem as normas sociais de infraestrutura de habitação, se adaptam a uma lógica própria que possibilita o espaço do trabalho, do lazer e do descanso, que horrorizava as classes mais abastadas. Diante de qualquer ameaça vinda de fora, os moradores do cortiço – a “pequena república” (AZEVEDO, 2000, p.39) – esqueciam as confusões diárias e se uniam contra os inimigos externos, que eram principalmente a polícia, os agentes do governo e os moradores de outros cortiços (CARVALHO, 1989).

“O Cortiço” mostra a habitação popular sob a perspectiva da malandragem. O cortiço do português João Romão, personagem principal, é um organismo que nasce com algumas tábuas roubadas e morre em um incêndio. A história se desenrola com João Romão enriquecendo, sonhando com a ascensão social e explorando os miseráveis, que moram ali e compram em sua venda. De acordo com a análise de Dalcastagne (2001), Aluísio de Azevedo ilustra em seu livro as questões da miscigenação racial e cultural, os preconceitos da época e os diferentes modos de adaptação à vida na cidade.

Tal ilustração é coerente com o pensamento da época. Os médicos, higienistas e sanitaristas, voltavam-se para as condições de salubridade e para a erradicação das doenças. Os projetos de engenheiros e arquitetos pensavam na estruturação da cidade. Os planos políticos tentavam estabelecer a ordem e administrar o espaço público. Os mais diversos tipos de intelectuais estavam preocupados com o espaço urbano carioca, que nada tinha de uma cidade moderna. O entusiasmo para a mudança viria das incursões à Europa. O modelo e a imagem que se queria construir era a da cidade moderna européia, inspirada principalmente na Paris reformada por Haussmann (ABREU, 1987; CARVALHO, 1989 e PECHMAN, 1992).

Na segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro, capital federal e principal porto do país, recebeu linhas de bonde e trem que possibilitaram a expansão da malha urbana. A vinda do rei e de toda a coroa de Portugal, em 1808, facilitou o desenvolvimento. A cidade, que passou por sua primeira ocupação de indústrias nos subúrbios, no centro e nos arredores, precisava de mais transformações.

O Rio de Janeiro, como que fundado novamente pela Reforma Passos, tem sua imagem reconstruída expressa tanto em intervenções sobre o espaço urbano, nas paisagens urbanas e naturais para aqueles que passam ou habitam a cidade, quanto pelas imagens metafóricas, produzidas por construções lúdicas, no caso de músicas e literatura, e científicas, pela medicina, engenharia e administração pública. A partir disso, inventa-se a imagem de uma cidade moderna, racional, desenvolvida, organizada

e repleta de belezas naturais, que vai nortear o imaginário a respeito do Rio, legitimando a crítica e o controle (PECHMAN, 1992).

Considerado por alguns autores como o Haussmann à carioca, Pereira Passos proporciona três grandes mudanças do espaço social: a nova organização social que vai determinar as novas funções da cidade, já incipientes com a industrialização; o primeiro exemplo de intervenção do Estado sobre o urbano sob bases econômicas e ideológicas capitalistas; e também o resultado das contradições do espaço que, ao serem resolvidas, geraram outras contradições, como as novas construções populares favelas e cortiços que vão marcar a imagem da cidade. É nessa época que as camadas populares começaram a se revoltar (SANTUCCI, 2008) e recebem a caracterização efetiva de classe perigosa (VALLADARES, 1991).

“Maravilhosa” & “Partida”: notas sobre a manipulação da cidade deteriorada

As favelas atravessam o século assombrando a imagem da cidade que se quer “Maravilhosa”. A violência, a desordem e as favelas, significantes máximos da semântica de uma “Cidade Partida”, ora são objetos de denúncia do óbvio de que não se trata de uma cidade segregada entre a conformação urbana com beleza natural e a pobreza, ora explicitam as questões que permanecem como uma ameaça à vida na cidade.

Desse modo, vale questionar por um lado se “Cidade Partida” transformou-se em um estigma e por outro se “Cidade Maravilhosa” seria uma forma de manipulação da visibilidade não só do estigma aliado à favela mais de todos os problemas da cidade do Rio de Janeiro. “Exibi-lo ou aceitá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir e, em cada caso, para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN, 1988, p.51). O que se esconde e o que se aponta quando mostramos que o Rio de Janeiro é a “Cidade Maravilhosa”?

Uma apropriação e adaptação das questões de Erving Goffman (1988) na análise da manipulação da identidade podem mostrar uma discrepância entre a complexa realidade da cidade e os discursos sobre o Rio de Janeiro. “No estudo do estigma, a informação mais relevante tem determinadas propriedades. É uma informação sobre um indivíduo [aqui sobre uma cidade], sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição a estados de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento” (GOFFMAN, 1988, p. 52).

Dessa forma, a representação positiva da cidade se associa às belezas naturais que constituem aspectos anteriores à existência da cidade atual, pois foi o entorno de montanhas e mar somados às construções urbanas da Reforma Passos na primeira década do século XX que definiu a “Cidade Maravilhosa”. A representação negativa reforça estigmas e questões históricas relativos aos problemas urbanos do Rio de Janeiro, entre eles, as favelas ou uma ausência de uma eficiente política de habitação. Tudo o que define a denominação de “Cidade Partida”.

“Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original e, ao mesmo tempo, imputar ao interessado alguns atributos desejáveis, mas não desejados” (GOFFMAN, 1988, p. 15). Nesse sentido, a importância do tema do tráfico de armas e drogas e a violência se confundem com o espaço da favela, aparentemente desordenado e construído pelas próprias famílias que ali moram há décadas, sem intervenção de engenheiros, arquitetos e construtores.

Os textos, áudios e imagens da mídia impressa e televisiva; as músicas, os filmes e a literatura; e ainda a conversa informal em mesas de bar, nos elevadores e em salas de espera entre os que participam da rotina diária de viver no Rio de Janeiro reproduzem o senso comum no qual os epítetos da cidade se apresentam sob a forma de clichês (ALMEIDA, 2008).

Assim, a sociedade e os indivíduos estabelecem os meios de categorizar as pessoas, as coisas e também as cidades. Além dos epítetos do Rio de Janeiro, reconhecemos, por exemplo, a “Cidade Luz” por Paris e “The Big Apple” por Nova Iorque, e, por conseguinte, os atributos considerados como comuns e naturais dessas cidades. Dessa forma, quando uma cidade nos é apresentada pelas imagens de cartões postais e pelos discursos do senso comum, *os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”* (GOFFMAN, 1988, p.12).

A questão da manipulação sobre o Rio de Janeiro surge em dois momentos. O primeiro é o da tensão gerada durante os primeiros contatos seguida de uma intimidade a rotina da cidade. O segundo trata do conteúdo que não informa os defeitos, isto é, os problemas urbanos. Nesse sentido, “símbolos de prestígio podem ser contrapostos a símbolos de estigma” (GOFFMAN, 1988, p.53).

Um exemplo do primeiro momento acontece quando vôos internacionais chegam à cidade durante o dia. O piloto é orientado a contornar o Pão de Açúcar, permitindo passageiros e turistas apreciar as montanhas, o Cristo Redentor, a Baía de Guanabara e parte do litoral. Todos símbolos da “Cidade Maravilhosa”. No entanto, ao

desembarcarem do avião no aeroporto internacional e ao se deslocarem até os hotéis, o caminho tem o cheiro de podre dos esgotos lançados na Baía de Guanabara. As imagens que surgem são as das inúmeras favelas que compõem o complexo do Alemão, marcas da “Cidade Partida”. Assim, é possível considerar que a área de manipulação do estigma de uma cidade “pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo pólo oposto é a intimidade” (GOFFMAN, 1988 p.62).

O turismo oferece visita às favelas como algo exótico. As pesquisas que desconstruíram a marginalidade da favela se iniciaram na década de 1970, mas a transformação dessa representação é conquistada passo a passo. Apesar de não existir um consenso, há projetos, políticas públicas e renomeações. A mais recente tentativa são as “favelas pacificadas”, com a construção de UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), que diminuiriam a ação do tráfico e a violência, e as obras de infraestrutura do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

“É obvio que uma das estratégias é esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma. A mudança de nome é um exemplo conhecido.” (GOFFMAN, 1988, p.103). Vale lembrar que outras tentativas de urbanização, policiamento e remoção também aparecem em diferentes períodos do século XX. Nenhuma delas concebeu definitivamente as favelas como um território contínuo à cidade ou como mais um bairro.

Um exemplo do segundo momento é quando os representantes da cidade possuem a tarefa de “convencer o público a usar um rótulo social mais flexível à categoria em questão” (GOFFMAN, 1988, p.33). O objetivo principal daqueles que apresentam o Rio de Janeiro para pessoas de outros países, ou estranhos, é de manipular as inúmeras questões urbanas, com planos futuros e aspectos de reconhecimento da “Cidade Maravilhosa”. No entanto, os planos não são o suficiente, pois são apenas projeções de uma cidade teoricamente fiel à norma, ou melhor, fiel à funcionalidade de infraestrutura urbana (transporte, segurança e saúde).

Esse controle sobre a funcionalidade só é percebido e vivenciado durante os grandes eventos para o turismo. A experiência com os grandes eventos é de um “*encobrimento*” dos estigmas. Tudo parece funcionar como uma cidade normal para aqueles que visitam a cidade no período. “Antes que se possa falar de graus de visibilidade, deve-se especificar a capacidade decodificadora da audiência”, adverte

Goffman (1988, p.61), como a dos turistas que não experimentam a rotina diária de transporte, habitação, segurança, etc.

As condições de melhoria de um Rio de Janeiro deteriorado não são da vontade de quem habita a cidade; “é uma questão de conformidade e não de aquiescência.” (GOFFMAN, 1988, p.139). Para viver nela, transforma-se a falta de infraestrutura pública em investimento privado. Isto é, se o transporte não atende as necessidades, alguns de seus habitantes precisam possuir automóveis particulares; se não há hospitais públicos suficiente, contrata-se planos de saúde e médicos; se não existe policiamento, constrói-se muros, paga-se vigias e câmeras de vídeo de vigilância. A cidade que se divide entre o consumo público e privado não seria uma nova versão da “Cidade Partida”?

Muito embora, os primeiros contatos de um estrangeiro com o Rio de Janeiro estejam particularmente sujeitos a respostas estereotipadas como sugeridas acima, na medida em que se transita e se vivencia a cidade, a “aproximação categórica cede, pouco a pouco, à simpatia, à compreensão e à avaliação realística de qualidades” (GOFFMAN, 1988, p.61).

Assim a apropriação da análise de Goffman para as representações sociais da cidade do Rio de Janeiro, nos possibilita refletir sobre a estratégia política, econômica e social de tais representações. O Rio, manipulado pelos representantes políticos e pelo senso comum, vive a síndrome de “Cidade Maravilhosa”, na qual a proximidade com as belezas naturais não estabelece uma percepção crítica sobre a rotina da cidade em si. A natureza exuberante é apenas um retoque dado aos estigmas e exerce um controle sobre a informação das deficiências urbanas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Aline Gama de. *Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local*. Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - Rio de Janeiro. 2008.

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar, 1987.

_____. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaços e Debates - Cidade Brasileira Século XX*, 1994. 37: 34-46.

ABREU, Regina. O livro que abalou o Brasil: a consagração de ‘Os Sertões’ na virada do século. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 1998. v.5 (supl.): 93-115.

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

COSTA, Haroldo. *100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale. 2001.

COSTALLAT, Benjamim. A favela que eu vi. In: COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: H. Antunes. 1931.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Ática. 2000.

DALCASTAGNE, Regina. Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. *Revista Brasileira de História*, 2001. 21(42): 483-494.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1988.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

LEITE, Márcia Pereira. O Rio de Janeiro em pauta, cidade e cidadania na imprensa carioca: o caso da Operação Rio. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 1998. 6(1): 103-121.

MENDÈS, Jane Catulle. *La Ville Merveilleuse*. Paris: E. Sansot & Cie. 1913.

NAJAR, Alberto Lopes et al. Desigualdades sociais no Município do Rio de Janeiro: uma comparação entre os censos 1991 e 1996. *Cadernos de Saúde Pública*, 2002. 18(supl.): 89-102.

NAJAR, Alberto Lopes; FÉGAR, Sylvie. Rio de Janeiro, a imagem da divisão social da cidade nas emissões televisivas da França. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 2003. 5(2): 57-74.

NETO, Coelho. *Cidade Maravilhosa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1933.

PECHMAN, Robert Moses. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade. *Cadernos IPPUR/UFRJ*, 1992. 1: 77-88.

PRETECEILLE, Edmond; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos anos 80. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1999. 14(40): 143-162.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade desigual ou cidade partida? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. de Q. *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. Rio de Janeiro: Revan & FASE, 2000. pp. 63-98.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; LAGO, Luciana Corrêa do. A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. *São Paulo Perspectiva*, 2001. 15(1): 144-154.

SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. 2008. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

SILVA, Alexandre Campos da Costa e. *Dicionário de curiosidades do Rio de Janeiro*. 1965. São Paulo: Comércio e Importação de Livros.

VALLADARES, Licia do Prado. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, R.R. (org). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1991. pp.81-112.

_____. A gênese da favela carioca. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2000. 15(44): 5-34.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. (org). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Editora FGV. 2000.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

ZALUAR, Alba; ALVITO Marcos (orgs.). *Um século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998.

_____. *Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.

Data de Recebimento: 15/02/12

Data de Aprovação: 23/04/12

Para citar essa obra:

DE ALMEIDA, Aline Gama; NAJAR, Alberto Lopes. Cidade Maravilhosa e Cidade Partida: notas sobre a manipulação de uma cidade deteriorada RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>